

O FEITIO DA DIFÍCIL ARTE DO DIZÍVEL

THE SHAPE OF THE DIFFICULT ART OF THE SAYABLE

WILLY CORRÊA DE OLIVEIRA

PARA PAULO MALDOS

PRIMEIRO MOVIMENTO – JEUX:

Webern:

II Entendo “Arte” significando a faculdade de apresentar um pensamento na forma a mais clara, a mais simples, o que quer dizer, da forma a mais agarrável, compreensível que seja.

IV A inescrutável flor alpina! Sim, durante toda minha vida esforcei-me por reproduzir em música o que eu percebia naquelas flores, isto é, exata como a fragrância e a forma daquelas flores imprimem-se em mim – tal um dom de Deus – assim eu gostaria que fosse também com minha concepção musical.

Celan:

I A arte e possivelmente também a cabeça de Medusa, o mecanismo, os autômatos, este lugar estranhamente estrangeiro, tão difícil de se reconhecer em suas diferenças, e que, em fim de conta seja talvez o único e mesmo estrangeiro – a arte continua.

III O poema, sendo como é uma forma de aparição da linguagem, é por isso de exigência dialógica, o poema pode ser uma garrafa lançada ao mar, abandonada à esperança – decerto muitas vezes tênue – de poder um dia ser recolhida numa qualquer praia do coração. Também neste sentido os poemas são um caminho: encaminham-se para um destino (...), para um lugar aberto e para um tu intocável...

V Existe, é claro, aquilo que hoje se aprecia designar com tanta facilidade de artesanato. Ele tem seus abismos e profundezas – alguns (quem dera pertencer a eles!) têm até um nome para isso. Artesanato é coisa para as mãos. E essas coisas, por sua vez, pertencem apenas a uma criatura única e mortal, que com sua voz procura um caminho. Somente mãos verdadeiras escrevem poemas verdadeiros. Não vejo diferença de princípio entre um aperto de mão e um poema.

VI Cerca de 1911 escrevi as Bagatelas para quarteto de cordas, todas, peças muito breves; talvez tenham sido as peças mais curtas que tenham existido. E eu tinha a sensação de que quando as 12 notas tinham sido tocadas, de que a peça toda já havia sido concluída. Mais tarde, percebi que tudo isso era parte de um necessário desenvolvimento.

VIII

Aufführungsrecht vorbehalten
Droits d'exécution réservés

I.

Sehr langsam (♩ ca 70)
mit Dämpfer
pp

Geige

Klavier

Anton Webern, Op. 7
espress.
pp

5

col legno
weich gezogen
ppp sempre

äußerst zart
pp

rit.

pizz.

ppp

*1) Eine eigene Geigenstimme wurde nicht herausgegeben. Als solche dient das beiliegende zweite Exemplar.
Copyright 1922 by Universal Edition
Renewed Copyright 1950 by Anton Webern's Erben
Universal Edition Nr. 6642

Meu pai estava no concerto quando Rosé ao violino, e eu ao piano, tocamos o op.7. Meu pai ficou profundamente tocado pelo Quarteto de Schoenberg e pela Sonata de Berg, gostou também de minhas peças, porém achando-as nervosas. “Sempre terminam antes de começar”, dizia ele.

VII A eternidade se mantém em seus
limites:

leve, em seus
colossais tentáculos métricos
prudentemente
gira pelas unhas
dos dedos transluzentes
ervilha glucêmica

X Lembro-me, sim (e agora, aqui) que após o concerto de apresentação de minha sinfonia (sem que o famoso regente tivesse feito o mínimo esforço), acabrunhadíssimo disse a Peter Stadlen: uma nota aguda, uma nota grave, uma nota no meio, como a música de um louco...

XI O livro [*Mein Kampf*, de Hitler, presente de Hueber] trouxe-me muita iluminação. Lendo-o percorri o período que abarca até o ano de 1930, e, com referência à minha experiência pessoal [a proibição da música bolchevista], a gente fica estupefato frente ao fato de que tais oposições tenham sido possíveis entre nós. Sim, é algo de espantoso. Mas, no presente, me faz suprema-mente confiante! As coisas caminham a passos de gigante. Os últimos resultados, como a invasão da Dinamarca e da Noruega: Magníficos! Mas não só com relação ao progresso externo. Também o interno. É pura elevação! Essa é a Alemanha de hoje! É um novo Estado como nunca existiu antes. Sim, o Estado Nacional Socialista, com certeza! Novo, algo novo! Essa é a Alemanha de hoje, criada por este homem único!!!

*IX A mim me acusam de hermetismo. “O poema her-
mético não é, afinal, mais obscuro que o mundo”.
(Leu-o de um livro de F. R. Kothe.)*

*O PRÉ-SABIDO sangra
duas vezes por trás do palco,
o compartilhado
perla.*

(Traduzido por F. R. Kothe)

(...)

*XII O QUE NOS
havia conjugado
assusta até a disjunção
uma pedra no mundo, em solar
distância,
zumbe.*

(Traduzido por F. R. Kothe)

SEGUNDO MOVIMENTO – SCHERZO:

Dois poetas norte-americanos. Dois poetas zingrando em espiral caminhos de invenção. George Oppen (1908 - 1984). Carl Rakosi (1903 - 2004). Ambos de origem judaica europeia, cujos pais aportaram nos Estados Unidos, e, ainda crianças, expostos ao mau cheiro que exalava de Wall Street até ao desabamento daquela notória rua (como parede que se desmorona estampidamente) no Crack de 29, prenúncio do juízo final catastrófico da economia que, forçosamente, reduz o homem a carniça (ainda em vida). Ambos estreiam no princípio dos anos trinta. E pairava no ar o vaticínio: “Para que poetas em tempo de fome?” Rakosi responde, sem mal-me-querer, na entrevista a L. S. Dembo (em 1969!):

“Nos anos 30, eu estava trabalhando em Nova York – isso foi no auge da Depressão – e qualquer jovem com um mínimo de integridade ou inteligência tinha de se associar a alguma organização de esquerda. Se não, você não conseguiria encarrar a si mesmo. Assim, vi-me fortemente envolvido em todo aquele ajuste marxista. Levei ao pé da letra as ideias marxistas básicas da literatura como um instrumento de mudança social, devendo expressar as necessidades e os desejos das grandes massas. E acreditando nisso, eu não podia escrever poesia, pois a poesia que eu sabia escrever não atingiria esses fins”.

Igualmente Oppen não via em sua própria poesia uma via salvante. Entra no Partido Comunista, pedem-lhe poemas para as massas; não sente em si o dom da poesia concreta que serviria aos trabalhadores em suas fainas de obrigações de sobrevivências no dia-a-dia de suas lutas da libertação do jugo capitalista. Mergulha, de cabeça e coração nas tarefas do partido (por anos a fio) e essa luta faz-se nele a poesia que abandonara. Seus versos eram, agora, o contato diário com a classe trabalhadora; o ânimo da solidariedade, até que as perseguições macarthistas impeliram-no a fugir com a mulher (que compartilhava consigo dos exatos mesmos ideais) e a filha para o México. No país de Zapata a família subsistiu graças ao trabalho de Oppen como carpinteiro: ma-

nufaturando móveis sob encomenda, e construindo barcos. Aprendera o ofício ainda em criança com o mordomo da mansão de seu pai. O mordomo tinha a carpintaria como hobby de décadas. Com o desvanecer da histeria anticomunista do macarthismo, finalmente consegue passaportes norte-americanos e retorna com a família para os Estados Unidos. Após um silêncio de 25 anos volta a escrever poesia, com o empenho fortalecido de quem soube – quando preciso – deixá-la. Havia sido necessário para a volição que desabrochava agora, de novo. “Oppen tem um grande olho, preciso e irreduzível. Se você nunca viu o que ele vê, é porque não se sentou quieto o tempo suficiente e olhou tão firmemente como ele”, escreveu – com o coração aos pulos – seu amigo Rakosi.

Do outro lado do Atlântico, um jovem poeta escreve uma missiva plena de encanto para Rakosi, que, por pouco, não se perdeu em sua longa jornada, e milagrosamente quase não lhe chegaria ao encalço. O autor da carta encantada, Andrew Crozier, conta de haver encontrado o poeta em um texto de Rexroth, e buscara conhecer sua obra, e poucos livros em antigas publicações encontrara: e arrebatava-se com o que havia lido: puro fascínio. Enlevaria. E perguntava de sua poesia mais recente; e da vontade que tivera de coligar uma bibliografia sua atualizada. Aconteceu que o endereço da carta já não mais era a morada de Rakosi, há anos. Nos meios literários ninguém sabia do paradeiro de Rakosi; talvez que tivesse falecido, quem sabe? Assim foi que a carta levou alguns meses, até, finalmente chegar a seu destino – troante como a introdução fragorosa da 5ª de Beethoven. Não havia poesias recentes. Vinte e cinco anos de silêncio, não mais. Rakosi inflama-se. Então: as coisas que escrevera há tanto esquecidas ainda suscitavam interesse de novos poetas de princípio dos anos 60? “O pensamento de que alguém com a idade de Crozier se interessasse tanto por minha obra me tocou; afinal, havia duas gerações entre nós. E foi isso que me surpreendeu”, fala o poeta. Ver Schumann a respeito. Num átimo – em surto – irrompe irrecusável vontade de tornar a escrever poesia: vive – agora – a vida de poeta a publicar poemas, livros, por quase quatro décadas até (quase) aos 101 anos, em 2004.

THE DRINKING VESSEL

INSTRUCTIONS TO THE PLAYERS

A COPA DE BEBER

INSTRUÇÕES PARA OS INTÉRPRETES

20

DOIS POEMAS DE GEORGE OPPEN

Fragonard,
Your spiral women
By a fountain

‘1732’

Your picture lasts thru us

its air

Thick with succession of civilizations;
And the women

FROM A PHOTOGRAPH

Her arms around me—child—
Around my head, hugging with her whole arms,
Whole arms as if I were a loved and native rock.
The apple in her hand—her apple and her father, and
my
 nose pressed
Hugely to the collar of her winter coat. There in the
photo-
graph

it is the child who is the branch
We fall from, where would be bramble.
Brush, bramble in the young Winter
With its blowing snow she must have thought
Was ours to give to her.

Fragonard,
Suas espirais mulheres
À borda de uma fonte

‘1732’

Seus quadros perduram em nós

seu ar

Espesso com a sucessão das civilizações;
E as mulheres.

DE UMA FOTOGRAFIA

Seus braços em volta de mim—menina—
Em volta de minha cabeça, abraçando-me com to-
dos seus braços,
Todos seus braços como se eu fosse uma amada, e
nativa rocha,
A maçã em suas mãos, sua maçã e seu pai, e meu
 nariz amarfanhado
Num aperto à gola de seu casaco de inverno, lá na
foto-
grafia

A menina é que é o ramo
De onde caímos, onde teria havido a amoreira preta,
Céspedede, amoreira preta no inverno infante
Com suas neves esvoaçantes, ela deve ter pensado
Era nossa para dar a ela.

TERCEIRO MOVIMENTO – ENTREATO (O REMÉDIO):

Me custa
dominar a ansiedade que me
acomete ao passar a limpo o que antes es-
crevi com precipitação e com o coração alterado. Mas, in-
cluso hoje, não obstante, sinto idêntica inquietude e me apura o susto
Interrompi a leitura de “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” à página 58 para ir tomar
meu remédio, pois o livro de Benjamin me afastara da hora aprazada; fui, em seguida, fazer xixi, e, enquanto
vertia, ouvia o assobio da Marta: La Paloma, de Yradier, saltitante, solto, inconsequente, para ninguém. Nem
se dava conta, ela mesma, de que assobiava La Paloma (ressaltada por saltarinhos extravagantes).
Pensei (e registro aqui): o homem se expressa (também) por se expressar, não só por dever/necessidade de
se comunicar com alguém, por uma mensagem. Em tais casos, a expressão exprime “conteúdos espirituais”:
nem mesmo (precisamente) para si mesmo – a esmo – (parece), aí o dom da linguagem refluí como reflexão
de sua própria expressão – como dom de linguagem ensimesmada – mais se põe como revelação do que
como mensagem. Que não seja (praticamente) uma mensagem, mas de que então é uma revelação? Do dom
da linguagem, do possível de uma substanciação de pensamento entre a inconsciência e a consciência (a lin-
guagem mesma sem mediações). Em tais revelações a um só e único sujeito é ele próprio a mensagem? : que
ele não emite (como emissor) e que não decodificou (como receptor). A revelação é “um possível linguístico”
(conteúdo de expressão) ter sido factível (La Paloma – não ela própria – a canção sabida): a linguagem e o ser
como um UNO, imanente, iminente. Lógica impalpável pela consciência, mas tornada coisa (o assobio), como
no sonho, como na arte*.

Willy Corrêa de Oliveira
São Paulo outubro 2015

* Tudo que se situa para além das regras, não a coisa enquanto fenômeno (pois que os sentidos alcançam),
mas um seu invólucro imaterial perficiente de noosfera e de indizíveis.

QUARTO MOVIMENTO – ADAGIO:

Caro leitor, caso você tivesse conhecido Webern, no início de 1933, logo após a escalada de Hitler ao poder, certamente você teria notado que aquele homem de viso grave, encanecido, 50 anos, não fazia parte daqueles que eram o esteio da nova ordem. Tampouco andava inquieto, é verdade, com as sucessivas lufadas pestilentas que todos estavam obrigados a suportar.

O conceito de superioridade da raça alemã (ariana) que estava sendo desonrada pela proximidade, pelo contágio das impurezas sanguíneas de judeus, de comunistas, de socialistas, de ciganos, deixava pesado o ar que se respirava. O diretor da Rádio Berlim emitira uma lei proibindo emissões de música negra de jazz norte-americano. Um dia depois, foi cancelado um concerto sinfônico que seria dirigido por um regente judeu: Bruno Walter. Tropas de choque invadiram sindicatos, e, em seu lugar, instalaram a Frente de Trabalho Nacional (Nazista). Ainda em fevereiro de 33: a demissão em massa dos serviços públicos de todos os suspeitos de serem comunistas, e judeus. Logo seria a vez de Schoenberg. Naqueles tempos, reivindicou Webern: “Bolchevismo cultural é o nome dado a tudo que diz respeito a Schoenberg, Berg, a mim (e a Krenek também).” E rimbombavam no ar que as tropas de choque da Gestapo, quando não executavam sumariamente comunistas, líderes sindicais, e socialistas, os impeliavam para o campo de concentração de Dachau (recém-inaugurado, e modelo dos demais que se seguiram). Ainda em 33, em maio, armaram fogueiras para queimar livros que contrariassem os ideais nazistas. Tais rajadas pestíferas não eram fruto de sortilégios: Em 33, o partido de Hitler reuniu 37% dos votos; mais votado que qualquer dos outros presentes nas urnas. [Em 35 os eleitores do Partido Nazista somavam 2,5 milhões, em 1945 atingiram 8,5 milhões...]

Quando os nazistas levaram os comunistas,
Fiquei em silêncio; Eu não era comunista.
Quando levaram os sindicalistas, fiquei em silêncio;
Eu não era sindicalista.

Quando prenderam os social-democratas, fiquei em silêncio;

Eu não era um social-democrata.

Quando prenderam os judeus, fiquei em silêncio;

Eu não era judeu.

Quando vieram me buscar, já não havia mais ninguém para protestar.

Martin Niemöller (1892-1984)

Como dissemos no início desse movimento, tivesse o leitor conhecido Webern pessoalmente, por certo teria assinalado que seu rosto quase trágico, o cenho tombado, as rugas de aflição impressas durante décadas de sacrifícios na lida pela sobrevivência como regente dos Concertos Sinfônicos dos Trabalhadores (promovidos pela Social Democracia), e de alguns alunos privados, era escolha consistente do destino que lhe convinha. Jamais teria se permitido viver acomodado ao glamour de astro de podium, posto que contraditaria com seu fervoroso, imperioso empenho em anunciar – com decoro – a Música Nova. Ganhava pouco menos que o necessário para uma vida algo mais amena de classe média (de família com quatro filhos jovens). Esse homem, agora com 50 anos, certamente o mais fundamental compositor do século XX, era, máxime como regente, admirado com firmeza por seus confrades “famosos” mais em voga em seu tempo.

Para Webern, a Música Nova era o feitio da História: o Homem como ser criador, o testemunho vivo, consciente, do homem ao longo dos embates dialéticos dos materiais musicais: os modos que engendram a Música Nova em cada etapa (propícia) do percurso (em espiral). Música como trabalho ativo, exaustivo, em plena humildade: porque emergente do trabalho humano coletivo no decurso dos tempos. E se houve um ser humano humilde na terra, tal foi – verdadeiramente – Webern. Todo o mundo, sabe. O leitor deve ter ouvido falar. Boa parte dos músicos no âmbito das atividades de Webern eram judeus, alguns socialistas, outros comunistas. A todos, um a um movimentava-se ele em auxílio naqueles dias difíceis de ventaneira de extrema direita. “O que está ainda para acontecer? Para Schoenberg, por exem-

plo?” Clamava o compositor: “Embora no presente estejam concentrados no anti-semitismo, no futuro vai ser impossível de apontar qualquer um capaz, mesmo que não seja judeu! Imaginem o que será destruído, varrido fora, por esse poder anti-cultura!” [E pouco mais adiante, na quarta das conferências do “Caminho para a Música Nova”]: “Não sei o que Hitler entende por Música Nova, mas eu sei que para essa gente, o que nós pensamos disso é um crime”. Arriscada essa série de conferências em meados de março de 33.

O ano de 1934 foi ainda mais sombrio. A milícia nazista abre fogo contra casas de trabalhadores matando mais de 1.000 pessoas (somando-se homens, mulheres e crianças). A seguir, o Partido Social Democrata foi proscrito, pondo fim à atuação de Webern como regente da Singverein e da série de Concertos Sinfônicos dos Trabalhadores, adstritos à Kunstelle, órgão cultural do Partido Social Democrata, dirigido por David Josef Bach. O mesmo que dizer que o músico deixou de receber salário fixo, que, mesmo que modesto, afiançava seu modo de vida desambicioso, necessário à sua atuação musical austera: inconivente com a práxis musical no capitalismo. Seu amigo David Josef Bach, socialista, judeu, jornalista, crítico musical e literário, era a rocha firme à que se apoiava Webern para as (hoje históricas!) realizações corais, orquestrais, ambiciosas, malditas, convincentes. “Webern é o mais grandioso regente desde Mahler – em todos os aspectos”, disse Berg. Também deixaram louvações (por escrito): Steuermann, Greissle, Polnauer, Ruzena Herlinger, Hans W. Heinsheimer, Galimir, Krenek. Paro por aqui. E dizer ainda, que, em plena turbulência financeira, Webern declina de um convite da Embaixada de França para dirigir um concerto de compositores franceses por duvidar da qualidade do programa proposto! Em “tempos de carência” era cada vez mais escassa a perspectiva de novos alunos. Nos Estados Unidos, Schoenberg preocupa-se com a sorte de Webern, e dirige-se a Ernst Hutcheson, presidente da Juilliard School of Music: “Não poderia o Sr. considerar Anton von Webern para o quadro de professores? Ele é o mais apaixonado e profundo prof. imaginável, e, atualmente, insatisfeito com as condições em Vie-

na”.

Ao Café Museum costumava ir o magote de amigos após os concertos. Felix Galimir, violinista, refere-se a uma dessas reuniões em que – como de hábito – a política vinha à baila, e rememora que o Dr. David Josef Bach, a certa altura, tornou-se muito crítico da atitude dos alemães com relação aos judeus. Nesse ponto, Webern o interrompeu: “Mas David, nem todos os alemães são Nazis”. Imediatamente Dr. Bach deu um ponto final à discussão com essas palavras: “Todo alemão que não deu uma prova absoluta do contrário é um nazista.”

A Áustria também era considerada ariana, sim, em demasia, até. Em 11 de março de 38 uma caterva de austríacos nazistas ocuparam e dominaram a Chancelaria, constrangendo o Chanceler Schuschnigg a renunciar. No dia seguinte, cerca de 70.000 judeus encontraram-se trancafiados como num transe de pesadelo (em carne viva). Em seguida, comunistas, social-democratas e qualquer outro dissidente foram arrastados e encaminhados para campos de concentração, sem mais. A suástica impunha-se, agora, em toda parte, nos postes, vitrines, pintadas nas paredes. Enquanto isso, com o beneplácito do grosso da população, Hitler, com o exército alemão, entrava (serenamente) na Áustria para decretar o *Anschluss*. A farsa do plebiscito para consagrar o feito acontece em 10 de abril. “Você concorda com a reunificação da Áustria como Reich alemão, e você vota na lista de nosso *Führer* Adolf Hitler?” 97,73% de votos favoráveis: os mais fervorosos, assim como os mais pusilânimes, faziam questão de dizer o SIM sob a vista da milícia hitlerista. Consumado o *Anschluss*, forçaram judeus (de posse) a vestirem a melhor roupa e exibirem-se publicamente lavando calçadas na rua e apagando inscrições anti-semitas. Há uma horrífera fotografia que mostra a conjuntura como coisa natural.

Ainda em 1938, nove de novembro, nazistas levaram a cabo o *pogrom* conhecido como *Kristallnacht*: destruição de sinagogas, lojas e casas de judeus: Acima de 6.000 presos e deportados durante a madrugada, cerca de 91 mortos nos atos, e, imediatamente,

30.000 judeus conduzidos para campos de extermínios. Na manhã seguinte, Webern corre (aflito) até as casas de Polnauer, e de David Josef Bach, para certificar-se de que eles haviam sobrevivido, arriscando (assim) a própria pele naquela circunstância fatídica, o ar sobrelevado de ódios. Dias após, conta Hueber, que vinha na companhia de Webern, e que ele estancou-se (hirtó, de repente) ao divisar uma sinagoga incendiada, devastada, pouco mais além, e desviando-se guinou para um caminho paralelo: “Não quero passar por lá. Você deve entender que eu não tenho absolutamente nada a ver com gente que faz isso”. A anexação, as estilhas afiadas (tenebrosas) da Noite de Cristal, causaram o êxodo desesperado de 50.000 judeus. Webern foi incansável em sua sofreguidão por ampará-los: colegas, ex-alunos, amigos íntimos. Há punhados de relatos de emigrantes que dizem da ternura solidária do compositor durante aquele trêmite: tocante à lágrima rolar, em silêncio.

Em 4 de março de 1940, Webern escreve carta a Hueber para agradecer à dádiva de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler: “O livro trouxe-me muita iluminação... .. o que creio ver no presente faz-me supremamente confiante! Vejo que está chegando a pacificação do mundo inteiro. Primeiro a leste do Reno até... sim, tão longe quanto?... Provavelmente tão distante quanto até ao Oceano Pacífico! Sim!, acredito nisso, acredito sim, e não posso ver de outra maneira!”

A invasão da Dinamarca e da Noruega pelo exército nazista no dia 2 de março de 1940 deixou Hueber e Webern eufóricos: “Suas explanações foram enormemente importantes contribuições para mim. Encaixam-se no quadro que instituí para mim mesmo. As coisas não estão caminhando a passos largos?! Estes últimos resultados! Magníficos! Essa é a Alemanha de hoje! Porém, a Nacional Socialista certamente! Não qualquer outra! Este é exatamente o novo Estado, para o qual a semente já foi plantada há vinte anos. Sim, um novo Estado este é como nunca existiu antes! Algo novo! Criado por um homem único!... Esse homem singular (...) Cada dia fica mais excitante. Vejo um bom futuro. Será diferente também para mim.”

Em 22 de junho de 1940 a França rendeu-se. Em 7 de julho, entretanto, anota Webern: “Quanto, quanto – de fato – tem acontecido!” Em dezembro extasia-se com a descoberta de que Stefan George, no poema *Sterne des Bundes* “(1914!!!)” já profetizasse sobre o advento de Hitler, e, “no *Das Neue Reich* (de 1921) no qual, fundamentalmente, as coisas são diretamente arremessadas com ímpeto, e o poeta fala do ‘verdadeiro símbolo’ no ‘estandarte do povo’!!! Bem, mais sobre isso, oralmente, logo mais.”...

Em 18 de julho de 1941, com a invasão das tropas nazistas na União Soviética: “Terá você lido os discursos dos fidalgos do Kremlin? Quão diabólico é este plano, mas realmente quão diletante, quão imbecil!” Um ano antes contara a Hueber de seu deslumbramento extático diante das últimas palavras do discurso de Hitler: “Está se tornando cada vez mais e mais excitante. Os recentes dois discursos! Logo viveremos a experiência de tudo isso.”

Ainda no natal de 1941, o Japão bombardeia Pearl Harbor, antecipando-se e provocando a entrada dos Estados Unidos no conflito: “Vi a entrada do Japão na guerra como uma virada fundamental e decisiva para o melhor. Poderoso evento! (...) Pois, sempre considere que esse povo, o povo japonês, sempre mostrou-se para mim como uma raça completamente saudável. Cabalmente! Dessa direção não está a vir algo de novo? De um antigo e indene solo! Só percebo assim e de nenhuma outra maneira.”

1942 foi um ano cinzento e preocupante para a Alemanha.

Em 1943, narrando a Hueber sobre seu filho Peter que havia sido convocado e estava servindo no exterior, a duras penas, escapa-lhe de sua dor e preocupações funestas: “Quando, afinal, isto será diferente? A humanidade resgatada desses perigos!” Após os bombardeios sobre a Áustria, sua filha Christine, as crianças e a sogra vieram para a casa de Webern, mais distante do alvo dos ataques: “E termos de sofrer tais horrores com as crianças segurando sua mão” escrevia a Hildegard Jone.

Em 14 de fevereiro de 1944, morre no front seu filho Peter. A viúva de Peter recebe a notícia em 3 de março: “Possa você encontrar consolação no pensamento de que seu marido servia sua pátria pelo sacrifício e pelo mais alto cumprimento de seu dever, e que sua morte contribuirá para a liberação de nosso povo”. Assina o Major Groeder. O leitor a quem me dirigi no começo desse movimento, *in illo tempore*, em 1933, jamais teria como imaginar, então, um assim tão triste fim de Anton von Webern.

Retomemos, por ora, ainda, o tempo do Anschluss:

Christine, filha do compositor, inebria-da de ideias nazistas, entra, logo após a anexação da Áustria, na Bund Deutscher Mädchen; casa-se com Benno Mattel – ativista da tropa de choque Nacional Socialista – sob a suástica. Hans Moldenhauer contava, os olhos postos no chão (como quem lê uns escritos), que o fantasma de Arnold Schoenberg poderia ter aparecido ali, a apavorar o pai de Christine “durante aquela solene oca-sião”...

O filho do músico, David, também entrara para o Partido Nazista quando do Anschluss.

Dr. Rudolf Kurzmann contou a Moldenhauer que Webern, “para preservação de uma pura vida familiar”, pedira aos familiares que se refreassem de falar de política; e toda vez que afluía qual-quer alusão ao nazismo, o compositor quedava-se em silêncio.

A filha primogênita Amalie, bem antes da Anexação, casara-se com Gunter Waller, filho de família endinheirada, e que nutria “certo” desprezo pelos Weberns, pobres, especialmente porque o genro de Anton von Webern era mui próspero comerciante, e naturalmente, seu lar não era imune à sedução imperialista de Hitler. Não foi!

Em meio a tanta agitação fervorosa por Hitler, sua filha Maria, a caçula, não se deixou atrair pelos ideais nazistas, vivia por então o ardor de uma paixão por um jovem judeu que fora obrigado a emigrar, e ela impedida pelo exército austríaco de acompanhá-lo.

Wilhelmina (Minna), a esposa do compositor, manteve-se serena, incólume ao repugnante perigo nazista. Bem possível que o catolicismo que praticava não acomodasse a adoração de um outro deus. Não foi, por suposto, um caso isolado entre católicos alemães, embora o futuro papa Bento XVI não se tenha salvo em sua juventude...

O viés anterior não nos serviu de amparo, está-se a ver, para melhor entendimento do caso Webern. Tomemos outro enviés: O criador da *Sinfonia op.21*, filho de classe média abastada desde o berço (“quase de ouro”), sofreu de uma esmerada instrução recebida e aceita sem dolo. Seu pai, Dr. Carl Freiherr von Webern descendia de aristocratas enobrecidos desde o século XVI. Porém, no século XIX, nobre – de fato – era a burguesia, que destinava a seus rebentos a mais acurada educação burguesa: fulcro da ideologia que emana dos adoradores do bezerro de ouro; a edificação pela trapaça: pela mentira, como norma. No mundo sob o calcanhar do *Kapital*, mesmo quando se diz algo que parece lógico, plausível, esconde sempre o logro. Com efeito, etimologicamente, a palavra LOGRO origina-se da palavra latina LUCRUM: LUCRO.

A consciência da luta de classes nos capacita a desmascarar as inverdades dissimuladas nas “verdades” que a ideologia burguesa faz circular impunemente. Próximo da luta de classes, porém sem o aparato iluminativo da ciência marxista, pode (sim) a intuição, solidária com os despossessos da terra, atingir o entendimento do quão anti-humano é o sistema econômico injusto, que – como um demiurgo – destina à maioria dos homens do planeta o papel de proletários: aqueles que deixam suas peles despeladas nos curtumes dos possuidores do capital (“a virtude do poder revigorante do dinheiro”).

Aprender a falar, diz Giulio Girardi, é aprender a obedecer. Quando se falam as palavras do dia-a-dia, é preciso cuidar para que não signifiquem segundo o dicionário dos opressores (os Senhores da Guerra; os mesmos que sancionam a paz que lhes diz respeito). A ignorância das massas é um agente que eles manejam para a submissão dos espoliados. Em tal

sorte de ignorância não se encaixa Webern, por mais que não tenha desfrutado – dado o sacrifício que exigia o ofício de sua arte difícil – do bem-estar burguês: vale dizer – por outro lado – que ele, de fato, se enquadrou perfeitamente entre os que não fazem caso da prata, nem dão valor ao ouro.

O *Jogo de Linguagem* de Brecht e Allen pode ser utilizado pelos leitores, salvaguardados por denodada argúcia, como ferramenta para o desvendamento das mentiras (necessárias) à manutenção do sistema capitalista. Como é sabido, o leitor toma uma palavra previamente escolhida e verifica sua origem e significado, e compara-a com o uso que se faz dela na linguagem corrente, nas *mass-media*; e é extremamente gratificante constatar a trapaçaria ideológica que permite o alinhamento do indivíduo – quase sempre inconsciente – na ideologia do Estado burguês. O jogo pode, igualmente, ser executado por pequenos grupos de jogadores (e as diferentes experiências de cada dos participantes sempre acresce certa graça ao entretenimento). Obviamente algumas palavras são mais imunes às modulações semânticas, como a palavra água (H²O), por exemplo, mas mesmo assim, o jogador deve desconfiar, posto que não consta dos léxicos que a água pode estar contaminada, como de resto, o planeta inteiro sob o tacho dos negócios lucrativos.

Caro leitor, não estamos nos desviando do caso Webern, não. A gestão nazi-fascista do capitalismo sempre fez parte de sua feição, de sua finalidade irrecusável, vocação virtualmente sempre presente na estrutura econômica do PODER (do acúmulo de capital a cavalo da luta de classes). Cada vez mais, ao longo de sua história, essa fera escancara seus dentes afiados até aos dias de hoje: após as GUERRAS MUNDIAIS, após NAPALMS no Vietnam, e a CIA: suas corriqueiras ações corrosivas pelo mundo inteiro!, e paremos por aqui a interminável lista de atrocidades. Hoje, a palavra SOLIDARIEDADE já podia estar apagada, varrida dos dicionários. Paulatinamente – já há décadas – vem sendo substituída pela INDIFERENÇA. Afinal, apiedar-se dos condenados da Terra – por si – é já o aguilhão na consciência de que o mundo está dividido em duas classes: a do

opressor (dono do capital) de um lado, e, do outro: o oprimido (amordaçado pelo Estado que lhe impõe seus golpes baixos). Como ficamos nós, leitor, eu, você, e outros e outros, no epicentro desse sismo destruidor? Como cismamos nós, envoltos no terror desse terremoto calamitoso, exterminador? A palavra adequada – concreta como a verdade – para nominar esse horror (essa concentração de ódio cruel e mortífero) – me parece – é CAPITALISMO. Os senhores do dinheiro não a deixaram transparente em seus dicionários; preferiram certos sinônimos como DEMOCRACIA, LIBERDADE, CRISTIANISMO, PÁTRIA, FAMÍLIA, um rol imenso... “Uivai, navios de Társis, porque tudo está destruído: já não há casas nem entradas de porto!”

Das informações amplas, disponíveis, quer de parentes imediatos, quer de aderentes mais íntimos do casal Webern, a tônica é o carinho cotidiano que os jungia em uníssono entranhado. No diário que o compositor mantinha de 1916 a 1939, lê-se a última entrada, em manuscrito de sua esposa Wilhelmine:

"1945

15. Sept. 10hs da manhã.

Toni † [Anton], Mittersill

14. Fev. Peter † [filho] em Marburg.

Tudo perdido, devo continuar vivendo tanto quanto Mizi, Christine e as meninas [netas] precisarem de mim."

Em carta de 2 de dezembro de 1947 a Hildegard Jone: "Amanhã será seu aniversário. Quão belo dia foi sempre para mim. Quão indescritivelmente triste que tudo acabou. Quão linda a minha vida a seu lado." E, em 4 de maio de 1948, novamente escrevendo a Hildegard Jone: "Infelizmente, hoje em dia nenhuma peça de Anton em nenhum lugar. E tive a esperança de que em Viena uma de suas peças para grande orquestra houvesse sido programada para essa temporada. Sua *Passacaglia*, e as 6 peças [do op. 6], realmente já clássicas, não teriam provocado a mínima objeção. Mas nenhum regente ousa apresentá-las. Têm eles receio, ou, absolutamente não compreendem os trabalhos de Anton? Não consigo entender. Machuca-me muito." E como arremate, essa passagem da carta de Karl Amadeus Hartmann à sua esposa Elisabeth, releva a calidez indulgente do compositor: "Quando recentemente eu trouxe da rua água da chuva para dentro de sua casa, a aula não começou até que tudo estivesse cuidadosamente enxuto. Você pode imaginar minha cara, ali, enquanto Webern passava o trapo no chão entre minhas pernas. No fim, eu não só terei aprendido dele a entrançadura composicional, mas também como me tornar um ser humano ordeiro em todos os aspectos." E uns parágrafos após: "Ele defende seriamente o ponto de vista de que por amor da ordem, qualquer espécie de autoridade deveria ser respeitada, e que, o Estado sob o qual alguém vive deve

ser reconhecido a qualquer preço. Todo o tempo ele, confortavelmente, fumava seu charuto, e tive que me conter muito para não me tornar desrespeitoso. Sua benevolência para com aqueles que o encurralam contra a parede é incompreensível para mim, mas afinal, não vim aqui explorar sua visão de mundo."

Diz Giulio Girardi: "A ideologia é uma prisão invisível"

Quando tivermos resolvido quase todos os embustes ideológicos que limitam nossa visão de mundo (os mais escancarados, como aqueles mais recônditos no incôscio, desses que ainda interferem sorrateiramente para toldar nosso juízo da luta de classes e da inelutável desumanidade da burguesia no poder), e ainda nos sobre convivência com qualquer coisa que emane do capitalismo – esse cancro insidioso, anti-humano, então, então: que alguém atire a primeira pedra. Se... paralisados não conseguirmos atirá-las, é porque: mui provavelmente não somos atiradores de pedras; enquanto deixamos que as pedras caiam de nossas mãos (abrindo-se), que nos justifique a busca contínua e incessante de surpreendermos as velha-carias da ideologia da classe que nos asfixia com os DESMASCARAMENTOS de suas artimanhas para perpetuar-se no PODER e de, inclusive, envenenar o ar. As suas artimanhas devem ser divulgadas, uma a uma, todo o tempo: um jeito nosso de atirmos pedra.

"Já não se chamará demo-crata ao ímpio, e nem se dirá ilustre aquele que é malandro. Quanto ao malandro, perversas são as suas malandragens: faz traumas indignas, a fim de arruinar os pobres com palavras mentirosas."

Paul Celan, poeta absoluto, inspirado (e nem teríamos como duvidar de sua sangrenta, dolorosa inspiração): por mais que relevemos o embaraço, na fronteira do quase intransponível, de mesmo mal chegarmos a tocar a orla de sua difícil arte, de quase atinar com o que – finalmente – de um verso ao outro ou do esbarro diante de uma palavra (que jamais poderíamos antever ali), exata (e exigentemente

ali) e tudo envolto em curiosa nebulosa, é certo, mas inato: sobretudo o abalo de havermos sido prendados com uma notícia que passa a participar em nós como uma partição.

Paul Celan, vítima do nazismo – essa perversão capitalista que enredou Webern até ao embrasamento alucinante; um, o duplo do outro, se levarmos em conta o feitio difícil da arte que produziram: Artes que inauguram pelo inaudito de suas configurações singulares e seus subsídios justos, imprescindíveis para a subsistência da continuidade (histórica) da frutificação de uma ARTE NOVA, apesar de arte (do indizível) no capitalismo (império da boçalidade, da mentira e da morte). Não falo por oráculo, posto que a História da Arte nesses milênios anteriores concede a inferência de que os escritos de Webern e de Celan, essencialmente testemunhos do Homem como ser criador, mesmo considerando-se a questão dos reflexos da realidade na obra de arte, no bojo de suas mensagens, os modos novos de DIZER o indizível encetado em seus escritos, têm VALOR de elocuições modelares como aquelas que indicaram novas partidas, moldaram novas direções, como Bach, Mozart, Beethoven, Virgílio, Shakespeare, Dostoïevski, Joyce, Rilke e Brecht. Alguns leitores, vejo como apertam (levemente) os olhos, e contraem a cabeça milímetros para trás, como a pensar: “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e inteligentes na sua própria opinião.” Se tenho razão, caro/s leitor/es, o cântico que eles cantaram se apoderará de vós como em uma noite de festa.

Celan, árduo, penoso destino poético: há ensejos em que um poema parece – apenas – uma garatuja poética; em outra circunstância: puro oráculo, insofismável, iluminado. Condizente. E, um mesmo poema, em sua duração, pode se afigurar indistinto, e límpido, luminoso, obrigatório, mas, de impossível tradução para a linguagem do cotidiano. Quantas vezes me perguntei – com o poema ainda sob os olhos – se, ao poeta, teria sido possível dizer o que realmente o poema, de fato, contém. E ele, em austero silêncio, constricto, me passaria o poema de volta, entressonho. A poesia de Celan é o selo de uma sina. Acho que não teria sido capaz de lhe haver pergun-

tado o que o poema diz, de afrontosa indelicadeza por tudo que seus poemas dizem quando acredito recebê-los. Como se eu escrevesse aqui: bastou-lhe já a si, o tê-los escrito. Após haver-me aproximado de Celan, não creio factível pensar a poesia, sem a poesia dele. Algo como pensar a música sem Webern.

Em Webern, o mais estranhável é que sua música, breve e afiada: o que se escuta, não se arrima com a música que se escutou até seu advento: sua música mais parece a música de um país inteiramente desconhecido, incompreensível sua língua, ignorados os costumes de seu povo, e sem juízo sobre sua localização geográfica. Como se tão forasteira música viesse da última Thule: A música soa como uma movimentação trepidante, exótica, de intensidades, de alturas, de alturas inimagináveis (dados nossos hábitos calcados na melodia acompanhada e no antigo contraponto), de volumes, e enormemente da evidência incisiva da amplitude do campo de tessitura para a fundamentação das ações das figuras sonoras aos saltos, em zig-zag, das diversidades de estados organolépticos do material musical impermisto, lídimo, convenientes para as imantações indenens, indizíveis. Caro leitor, peço que releia mais uma vez esse parágrafo desde o início, e tenhas como certo que o que se diz aqui, ouve-se em plena simultaneidade, e que, bem convém para a definição de MÚSICA, inscrita na História da Música Ocidental. A harmonia, desde Webern (!) expressa-se em íntimo conluio com o campo de tessitura (aos saltos, soltas das prerrogativas das atrações tonais). Os silêncios de Webern: Ah!, os silêncios de Webern são – em geral – modos de dizer deslocamentos no campo de tessitura, dos materiais musicais (vinculados às diversificações de graus de densidades). E que o TEMPO e as durações das obras são frutos de sua intuição (= gênio criativo) das necessidades estruturais de outra sociologia das alturas posterior à tonalidade, advindas das contribuições dos compositores românticos. A música de Webern pode não ser – estritamente – a música da realidade capitalista (em sua boçalidade), mas passa como realidade musical passível de realizar-se no sonho do artista criador.

Em Celan, o intrigante é o hermetismo (que precisa ser enfrentado, em prol de – pelo menos – da dor devidamente humana que movimentou o poeta). “O hermetismo acaba sendo, então, um modo de não dizer as coisas”, diz Flávio R. Kothe, no limite. E arre-mata com sutilidade:

“Vivemos hoje sob a hegemonia do mais antitético possível à linguagem do poema hermético: a linguagem da televisão.”

Foi escrito no correr desse texto, coisa como, um: a vítima, o outro: o carrasco. Não simplesmente assim. Aparentemente, só. Um: poeta, judeu; o outro: compositor, nazista. [...?]. Ambos haviam aprendido a mesma língua materna; no caso, o alemão. Diz Celan: “Não se pode exprimir a verdade que vos pertence a não ser na língua materna; numa língua estrangeira, o poeta mente.” Ora, a língua materna disposta para uso diário (desde as primeiras palavras) foi-lhes ensinada (a ambos) pelos mesmos Senhores. Senhores continuam (ainda) Senhores. Falantes: os falantes (apenas). Juízo. Tomemos juízos! Porém, tiveram ambos, Celan, como Webern, a cerviz dura, o coração duro, compostos pelas mesmas palavras aprendidas desde a infância, e, no duro, a mesma dureza da couraça que reveste o couro do espírito que torna um homem refratário ao sofrimento “destinado” ao proletariado. Os dois não se haviam blindado pelos ensinamentos marxistas contra as doutrinas apócrifas (hipócritas) subjacentes na língua falada no capitalismo.

Celan: “Espero sempre, não apenas no que concerne à República Federal e à Alemanha, uma mudança: uma transformação. Sistemas de reposição não a produzem, e a revolução – social e ao mesmo tempo anti-autoritária – não é possível senão a partir dela. Ela começa na Alemanha, aqui e hoje, pelo indivíduo. Um quarto nos seja poupado.” [Resposta a uma enquete da revista Der Spiegel].

“Ich hoffe, nicht nur im Zusammenhang mit der Bundesrepublik und Deutschland, immer noch auf Änderung, Wandlung. Ersatz-Systeme werden sie nicht herbeiführen, und die Revolution – die soziale und

zugleich antiautoritäre – ist nur von ihr her denkbar. Sie fängt, in Deutschland, hier und heute, beim Einzelnen an. Ein Viertes bleibe uns erspart.”

Interpelado por Krasner sobre o conciliábulo de Webern que atingia harmonizar o nazismo e sua fidelidade aos amigos judeus, o compositor responde, sem constrangimento, na ponta da língua: “Mesmo Schoenberg, se não tivesse sido judeu, não teria sido exuberantemente diferente.”

MINHA ATITUDE PARA COM A POLÍTICA

por Arnold Schoenberg

Sou – pelo menos tão conservador quanto Edison e Ford foram. Mas, infelizmente, não tão progressista quanto eles em seus próprios campos.

Nos meus primeiros vinte anos, eu tinha amigos que me introduziram às teorias marxistas. Quando, em seguida, obtive o emprego como regente do Coral dos Trabalhadores em Metal, eles me chamavam GENOSSE (camarada), e por então quando os Social-Democratas lutavam pela ampliação do direito de voto, fui mui simpático a alguns de seus objetivos.

Porém, antes dos vinte e cinco, eu já havia descoberto a diferença entre mim e um trabalhador; Então patenteou-se que eu era um bourgeois e afastei-me de todos os contatos políticos.

Eu estava ocupado demais com meu próprio desenvolvimento como compositor, e, estou certo de que nunca teria atingido os poderes técnicos e estéticos tivesse eu gasto qualquer espaço de tempo com política. Nunca fiz discursos, nem propaganda, nem tentei convencer pessoas.

Quando a Primeira Guerra Mundial começou, senti-me muito orgulhoso de ter sido convocado para pegar em armas, e como soldado, cumpri todos meus deveres entusiasticamente como um verdadeiro crente na dinastia dos Habsburg, e em sua sabedoria de 800 anos na arte de governar e na consistência da vida inteira de um monarca, se comparada à vida de cada república. Em outras palavras, tornei-me um monarquista. E nessa época e após o triste fim da guerra, e desde então considerei-me um monarquista, mas também então não participei de nenhuma ação. Fui então e após somente um pacífico crente nessa forma de governo, embora as chances de restauração fossem zero.

Evidentemente quando vim para a América tais considerações eram supérfluas. Meu ponto de vista, desde então, tem sido de gratidão por haver encontrado um

refúgio. E decidi que, apenas como cidadão naturalizado, não tinha direito de participar na política dos naturais da terra. Em outras palavras, eu teria que me pôr de lado e quieto. Essa, eu sempre considerei a regra de minha vida. Mas nunca fui um comunista.

Transparente como água de fonte cristalina.

Duas paralelas – Webern e Celan – todavia, todavia tocam-se no infinito. E em nós, atiradores de pedra.

Nota: O dom de criar atribuído a fulano, e/ou a sicrano, não está ao nosso alcance discuti-lo. Acredito firmemente que arrolar um criador como peça descartável, em certas circunstâncias históricas na vida do planeta estropiado pelos próprios amos (proprietários do capital) pode ser posto entre parênteses (em suspenso: por certo tempo). O que nos resta é livrarmo-nos do mundo de cerviz curvada perante os adoradores do poder vivificante do dinheiro. Isto, tudo indica, é inquestionável.

São Paulo, 10 de abril de 2025.